

Brasília faz 30 anos com superpopulação

ESTADO DE SÃO PAULO

21 ABR 1990

**Projetada para abrigar
500 mil pessoas, a
cidade tem hoje
2 milhões de habitantes**

RUBENS SANTOS

BRASÍLIA — Hoje, ao completar 30 anos, Brasília “é uma cidade consolidada”, na visão de um de seus criadores, o arquiteto Lúcio Costa, que chorou ontem, em seu apartamento no Rio, ao falar sobre a capital planejada em sua prancheta e na de Oscar Niemeyer. “Fico feliz por ter contribuído para isso”, declarou.

Em seu aniversário, a cidade dá mostras dessa consolidação e também de ter ultrapassado seus limites demográficos. Nascida do sonho de modernização do então presidente Juscelino Kubitschek ou de uma profecia do padre Dom Bosco, como querem alguns, a capital foi projetada e construída para abrigar 500 mil pessoas. Em 1960, ano de sua inauguração, havia 141.742 habitantes e uma projeção de crescimento para 750 mil moradores até o ano 2000. Hoje, porém, o Distrito Federal apresenta crescimento populacional da ordem de 5% ao ano e população estimada, neste ano, de dois milhões de habitantes — ou seja, a cidade cresceu 13,43 vezes em três décadas.

As consequências desse crescimento têm seus reflexos sociais. Um deles é o déficit habitacional estimado em cem

mil residências, de acordo com o presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis (Creci), Alberto Fernandes de Souza. Além disso, o custo de aluguel por metro quadrado é um dos mais altos do País. Um apartamento de dois quartos no plano piloto, por exemplo, é alugado por Cr\$ 60 mil.

Outro reflexo dessa ocupação é constatado no atendimento médico. Os poucos mais de seis mil médicos credenciados em Brasília, distribuídos em nove hospitais pertencentes ao governo, três hospitais militares, duas dezenas de particulares e dois de propriedade da União, enfrentam a obsolescência de seus equipamentos, a maioria considerada moderna há 15 anos.

“Em comparação com a rede hospitalar do resto do País, o atendimento médico em Brasília é de boa qualidade”, disse, no entanto, a médica Maria José, presidenta do Sindicato dos Médicos do Distrito Federal. “A mão-de-obra é qualificada, mas a tecnologia está obsoleta”.

Se moradia e atendimento médico estão em crise, os meios de transporte não ficam atrás e já se fala na construção de um metrô de superfície para atender à demanda de passageiros. A concentração de empregos, serviços e benefícios urbanos básicos está no plano piloto. Por isso, grande parte da população que mora em bairros periféricos se dirige às asas sul e norte para trabalhar.



Ricardo Chaves/AE

Monumento a candangos: hoje, 2 milhões de habitantes